



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

PRESIDENTE: GILSON BARRETO

3ª AUDIÊNCIA PÚBLICA DO PL 127/2023

LOCAL: CENTRO EDUCACIONAL UNIFICADO (CEU) – CAMPO LIMPO

DATA: 29 DE ABRIL DE 2023

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Exposição com audiovisual.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Bom dia a todos e a todas. Sou o Vereador Gilson Barreto, Presidente da Comissão de Administração Pública.

Estão presentes a Vereadora Jussara Basso, que também faz parte da Comissão de Administração Pública, e a Vereadora Ely Teruel.

Na qualidade de Presidente da Comissão de Administração Pública, declaro abertos os trabalhos da 4ª audiência pública de 2023, 3ª sobre o PL 127/2023, do Executivo, Prefeito Ricardo Nunes, que dispõe sobre a revisão intermediária do Plano Diretor Estratégico do município de São Paulo, aprovado pela Lei 16.050 de 31 de junho 2014, nos termos da previsão do Artigo 4.

Informo que esta audiência está sendo transmitida ao vivo pelo portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditorios-online; pela TV Câmara São Paulo, canal digital 8.3; e pelos canais da Câmara Municipal de São Paulo no YouTube e no Facebook.

Esta audiência vem sendo publicada desde 11 de abril no *Diário Oficial da Cidade*; dia 27 de abril, no jornal *O Estado de S. Paulo*; e 28 de abril, no jornal *Folha de S. Paulo*.

Contamos com a presença dos Srs.: Alan Eduardo Amaral Sebastião, Subprefeito de Campo Limpo, a quem convido para fazer parte da Mesa, por favor; Daniel Rosa, coordenador do governo local da Subprefeitura de São Mateus.

Foram convidados para esta audiência pública os Srs.: Marcos Duque Gadelho, Secretário Municipal de Urbanismo e Licenciamento; Eduardo de Castro, Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente; Marcos Monteiro, Secretário Municipal de Infraestrutura e Obras; Alexandre Modonezi de Andrade, Secretário Municipal das Subprefeituras; Aline Torres, Secretária Municipal de Cultura; Ricardo Teixeira, Secretário Municipal de Mobilidade e Trânsito; João Siqueira de Farias, Secretário Municipal de Habitação; Carlos Alberto Bezerra Júnior, Secretário Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social; Aline Pereira Cardoso de Sá Barabinot, Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico e Trabalho; Marcus Vinicius Monteiro dos Santos, Promotor Secretário do Ministério Público do estado de São Paulo;

Florisvaldo Fiorentino Junior, Defensor Público Geral, Defensoria Pública Geral do estado de São Paulo; e os Subprefeitos Roberto Bonilha, Subprefeito Jabaquara; Alan Eduardo do Amaral Sebastião, Subprefeito Campo Limpo; Claudio Schefer Jimenez, Subprefeito Capela do Socorro; Rogério Balzano, Subprefeito Cidade Ademar; João Paulo Lo Prete, Subprefeito M'boi Mirim; Thamyris Nagell Eloy Bernardo, Subprefeita de Santo Amaro. E os nossos agradecimentos ao Paulo Henrique Alves de Paula, Chefe do Núcleo de Cultura do CEU Campo Limpo que, em nome da direção, nos ajudou a organizar esta audiência pública.

Nós, da Comissão de Administração Pública, nós resolvemos realizar as audiências públicas nas regiões. Então, fizemos duas na zona Leste; aqui, a pedido da Vereadora Jussara, nós estamos realizando esta. Ela pediu para que realizássemos aqui, no Campo Limpo. Ela é membro da Comissão.

A Secretaria de Infraestrutura tem um vídeo, que será exibido.

- Apresentação audiovisual.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Convido o nobre Vereador Isac Felix para compor a Mesa conosco. Seja bem-vindo.

Hoje nós temos várias reuniões espalhadas pela cidade de várias comissões e também estamos visitando e participando das demais.

Sobre o Plano Diretor da cidade de São Paulo, eu fui Presidente em 2014 da Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente, quando nós realizamos 46 audiências públicas. E nesta Casa, nesse mesmo local, nós realizamos uma audiência pública naquela oportunidade.

O Plano Diretor é um instrumento que dá o direcionamento da cidade de São Paulo, o que temos e o que queremos. Então, é muito importante a participação de todos nós, a manifestação, dizer o que queremos. Queremos garagens nas construções? Nós estamos mais preocupados com o quê? Com as garagens, com os veículos, ou com os ônibus, com o Metrô, com a mobilidade? Nós queremos prédios de 50 andares, nós queremos casas térreas? Enfim, o que nós queremos para a nossa cidade e especificamente aqui para a região? Eu acho que é

a linha mais importante que nós temos para poder discutir: dizer o que queremos.

Nesse Plano Diretor atual, nós temos o problema da Zona de Eixo Estrutural, de prédios construídos com 30, 40, 50 andares, como o caso do prédio mais alto do Tatuapé. Em seguida, temos as casas ao redor, que o prédio tirou o sol, tirou o vento, tirou tudo das pessoas. Então, nesse Plano Diretor atual, não existe a pirâmide para ter prédios de 30 andares, depois de 20, de 10; não foi dado esse instrumento para as pessoas.

Temos que discutir esse problema e o que queremos. Vamos encher tudo de prédio e que se dane o resto, ou vice-versa? Por isso, é muito importante a participação de vocês. Quem estiver representando entidades ou algum setor público, por favor, depois passem aqui para a secretaria para nós anunciarmos todos. Vamos abrir a lista de inscrição para as pessoas que quiserem se manifestar. Inclusive, eu vou sair antes de terminar a audiência pública e vou passar a presidência dos trabalhos à Vereadora Jussara, que também é membra da Comissão, junto aos Vereadores Beto do Social, Janaína Lima, Gilson Barreto – que sou eu -, Eli Corrêa, João Ananias, Ely Teruel - também é da Comissão - e Jussara Basso, que requereu que se realizasse a audiência pública aqui na região de Campo Limpo. Então, Jussara, nós vamos... primeiro, a Jussara vai passar a palavra para os membros da mesa para dar uma mensagem; em seguida, já passa para vocês se manifestarem. Então, boa sorte para você, como Presidente hoje da Comissão.

Está com a palavra. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Jussara Basso) - Primeiramente, muito bom dia a todas, a todos, a todes.

Como moradora da região, me orgulha muito estar participando, hoje, desta audiência pública, na condição de membra dessa Comissão.

Antes, de também fazer o uso desse espaço de fala, vou requerer aqui que os membros da mesa possam usar o espaço da fala e pedir para que todas e todos se inscrevam também.

Ely Teruel, por favor, com a palavra.

A SRA. ELY TERUEL - Muito bom dia. Obrigada. Tudo bem, gente?

Bom dia! Todo mundo saiu cedinho de casa hoje, acordou com o intuito de vir aqui falar os pensamentos, trazer as ideias para os Vereadores.

Quero dar um bom dia especial sobre Prefeito Alan, ao nosso Presidente sempre Presidente da Câmara, Sr. Gilson, a Jussara, o Isaac Felix, um querido da região.

Eu também faço aqui as minhas palavras do nosso Presidente Gilson desta Comissão, porque é tão importante a participação da população nas audiências públicas.

Eu fui vice-presidente da Comissão de Política Urbana no ano passado, e atuamos da forma que a gente, realmente, pode fazer muito pela Comissão e pela população. Não só tratando das audiências públicas, das reuniões junto com o nosso Presidente na época que era o nosso Vereador o Paulo Frange. E a gente, claro, fica muito feliz porque eu sempre me dediquei muito à Comissão. Infelizmente, hoje eu não pude continuar há um certo rodízio nessas Comissões. E, hoje, eu estou muito feliz de estar aqui participando dessa Comissão de Administração Pública.

É o que eu digo: a gente vem trabalhando e atuando em políticas públicas; a gente vem atuando e trabalhando dentro da Câmara Municipal para o povo. Não mais isso do que o povo precisa dos Vereadores, mas os Vereadores também precisam da população. Todos sem exceção. Nós precisamos que a população esteja atenta, olhando pelo seu bairro, pela sua rua.

Até quero cobrar o nosso Subprefeito, porque eu sou uma Vereadora muito ativa em todas as regiões; e, aqui no Campo Limpo, eu tenho vários ofícios que eu trouxe, em que, infelizmente, ainda não fui atendida.

Então, não só falar da nossa política urbana, do nosso Plano Diretor, pelo qual, em primeiro lugar, a gente veio, mas eu também quero a participação do público, conto com a participação também no meu mandato, porque a gente trabalha para a população. A gente não trabalha para a gente, não é, Alan? Preciso muito da sua ajuda, eu tenho alguns ainda aqui, desde 2021, coisas simples, poda de árvore e zeladoria. Já vou me antecipar e fazer essa colocação também.

Então, a gente trabalha. A gente vai para cima; a gente vê aqui todo esse pessoal, saindo cedo de casa, vindo buscar o seu direito de ir e vir; paga seus impostos, e é isso. Eu não preciso da política. Eu decidi sair Vereadora porque eu preciso ajudar mais pessoas; eu faço esse trabalho já há mais de 20 anos e nunca quis ser Vereadora.

Agora, meu primeiro mandato, estou aqui firme e forte para dedicar a minha vida, o meu dia a dia ao trabalho com meu esposo Fábio Teruel, que é da Rádio Tropical FM – eu acredito que muitos devem ouvi-lo – e que, hoje, também é Deputado Federal na nossa cidade, saindo da cidade de São Paulo. Quero parabenizar também o nosso Prefeito Ricardo Nunes. Eu tenho acompanhado muito a agenda do Prefeito Ricardo. Tenho atuado e trabalhado bastante na rua. Eu sou uma Vereadora que gosta de rua. Gosto de pisar no barro. Gosto de ver o que a população realmente está precisando.

Eu estive várias vezes aqui na região do Campo Limpo, já com algumas demandas feitas, porém ainda tenho bastante coisa em aberto em relação às subprefeituras em geral, dando ênfase ao Campo Limpo, na Capela do Socorro, enfim. E o Secretário também nos ajuda a fazer o nosso trabalho.

Hoje, como eu falei nas outras audiências, a população precisa estar presente. Vocês são os nossos olhos. Se a gente não conseguir trabalhar o suficiente, é porque também a população não está nos ajudando. Eu sou dessa opinião. Por quê? Porque a gente não consegue estar na cidade de São Paulo a todo o momento. São 12 milhões de habitantes para a gente cuidar e a gente precisa sim da participação desse pessoal, não só nas audiências. Na Câmara Municipal tivemos um grande movimento, no ano passado, nas audiências públicas, em que teve o maior número de pessoas participativas, e eu acho muito importante.

Esse é o meu pedido hoje: que a população venha para as audiências, porque se vocês não reclamarem, não cobrarem, a quem vocês votaram, a gente também não consegue trabalhar.

Fica aqui a minha fala. Estou super à disposição. Quero parabenizar o grupo que está aqui hoje, o Parque Burle Marx pela ampliação quanto à destruição. (Palmas) Quero

conhecer mais a fundo. Eu sou muito dedicada aos animais também. Não é a minha bandeira, eu faço política pública, mas eu amo, jamais eu quero desmatar, como tem desmatado, não só a cidade como também o nosso Brasil para tirar os nossos animais e a qualidade de vida da nossa cidade. Nós queremos verde, e o Prefeito tem construído muitos parques na cidade.

Eu tenho certeza de que o nosso Prefeito – vou fazer esse pedido pessoalmente a ele – vai fazer um olhar muito especial a esse parque, que vocês vieram. (Palmas) Podem ficar tranquilos porque eu pessoalmente me comprometo a conversar com o nosso Prefeito Ricardo Nunes, que é muito acessível. Ele é um Prefeito que já foi Vereador, conhece muito bem a região. Ele vem me surpreendendo a cada dia e eu realmente acredito que a cidade de São Paulo pode ser aquilo que a gente precisa, com qualidade de vida, tanto na parte do verde, na segurança, enfim, em todos os sentidos.

A gente vem vindo para cá e vem olhando a qualidade da cidade onde a gente está vivendo, e precisa melhorar muito. E eu estou muito disposta a ajudá-los.

Muito bom dia. Obrigada. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Jussara Basso) – Passo a palavra agora ao Vereador Isac Felix.

O SR. ISAC FELIX – Bom dia.

- Manifestação do público.

O SR. ISAC FELIX – Como é bom começar logo cedo trabalhando. Eu já estava vistoriando na região da Vila Andrade os tapa-buracos, o recapeamento. Eu moro naquela região e já saí de casa vendo onde tem obras.

Quero cumprimentar o Vereador Gilson, o nosso decano e um Vereador muito experiente na Câmara Municipal de São Paulo. É um mestre. Acho que o Vereador Gilson já está no seu oitavo mandato. Já passou por vários Planos Diretores na cidade de São Paulo, conhece mais a cidade do que todos nós.

Quero cumprimentar o nosso Subprefeito Alan. Quero dizer que ele tem se dedicado bastante pela nossa região. O Subprefeito Alan é um trabalhador, conhece cada canto da região

e da cidade de São Paulo também, porque já trabalhou no Jabaquara, no M'Boi Mirim e em outras secretarias da nossa cidade.

Cumprimento também a nossa Vereadora Ely Teruel, mesmo em primeiro mandato, é uma pessoa dedicada, está lá conosco, na Câmara, dedicando o seu tempo, a sua coragem e determinação. A Vereadora Ely é uma parceira leal.

E a nossa querida irmã, querida Jussara, que apesar de ser recente na Câmara Municipal de São Paulo, está há pouco tempo, mas a Jussara é uma pessoa muito dedicada aos movimentos sociais, aos movimentos de moradia, a cuidar também, junto comigo. O *slogan* dela é quase igual ao meu, "cuidando de pessoas". Essa semana tivemos o privilégio, a Jussara teve o privilégio de discutir com o Prefeito várias questões da região e da cidade de São Paulo, principalmente a questão do Plano Diretor da cidade de São Paulo.

Gente, eu acho que quem manda e quem deve fazer as mudanças no Plano Diretor da cidade de São Paulo não são os vereadores, é a população. Onde nós moramos, sabemos que queremos o melhor para nós. Eu sou nascido e criado na região do Campo Limpo, fiz toda a minha história política, a minha vida política, junto com o nosso hoje Deputado Antônio Carlos Rodrigues, aqui na nossa região.

Quando eu vejo aqui a militância, o pessoal discutindo sobre o Parque Burle Marx, que eu tive o privilégio, como Subprefeito, como Chefe de Gabinete da Subprefeitura de Campo Limpo, Subprefeito várias vezes nesta região, de trabalhar tanto para termos área verde, termos mais parques na nossa região. (Palmas)

Então, quando vejo a discussão do Plano Diretor, eu estando lá na Câmara, converso com os colegas, principalmente com o nosso Presidente hoje, o Rubinho Nunes, que está cuidando do Plano Diretor na Comissão de Política Urbana, eu falo: "Rubinho, temos que ouvir as pessoas em cada canto desta cidade". O Prefeito Ricardo Nunes foi Vereador, tem andado em cada canto desta cidade. Eu falo: "Ricardo, quem sabe o que o bairro precisa e se tem que fazer mudanças ou não é a população daquele bairro, pessoas que moram ali".

Nós, que moramos nesta região, vemos a Vila Andrade só crescendo, só prédios, só

prédios, prédios sem garagem. As pessoas compram apartamento caixotinho com o maior sacrifício, aí não tem garagem, começam a colocar os carros na rua. Nós, mesmos, na nossa ponte aqui, a Hebe Camargo, quanto nós lutamos para ter uma avenida que vai, que abre e sai lá no Morumbi; a nossa luta ali na Vila Andrade e daqui do Campo Limpo. Você não consegue sair hoje. Eu brinco que eu saio da minha garagem com trânsito. Então, no Plano Diretor nós temos que ver tudo isso, essa questão. Então só faz, faz, constrói, acaba com as nossas áreas verdes.

Quero dizer para vocês, do Burle Marx, eu já marquei com o Secretário... era o Eduardo de Castro, mas acho vai ter uma mudança, mas é o Ravena, que nós vamos ter uma reunião por meio da Rosa - vocês devem conhecer a Rosa Richter – e alguns moradores, para discutir essa questão lá, junto com a Birmann, discutir a questão do Parque Burle Marx e da nossa região da Vila Andrade, e algumas questões referentes ao Plano Diretor.

Estamos conversando com o Prefeito Ricardo Nunes e vamos, se precisar, fazer uma reunião com o Relator Rodrigo Goulart, com o Presidente Rubinho, com os membros da Política Urbana, para realmente discutirmos mais próximos, uma coisa mais concreta referente ao Parque Burle Marx.

Na nossa cidade e no Brasil, eu sempre discuto que tem que partir daí para a mesa, as questões, as mudanças; tem que partir da população para quem está no Executivo, no Legislativo, não ao contrário, só, do Executivo, do Legislativo e, muitas vezes, goela abaixo da população e a população acaba sofrendo porque as coisas não são discutidas, elas vêm da mesa para as pessoas que mais precisam, que mais estão na base, que mais estão nos bairros, que mais estão precisando e que sabem o problema do seu bairro, conhecem o problema da Cidade.

Eu sempre brinco que os maiores engenheiros e mestres de política urbana estão nos bairros, porque muitas vezes muda-se o tráfego, o trânsito de uma rua, “ah, vamos mudar”, mas não perguntaram para a população, para quem mora lá.

Lá mudou, é mão, contramão, agora não é mais, podia estacionar, agora não pode. Muda porque não se consulta a população. Até uma feira, implantou-se uma feira lá, mas não

consultaram. Tem que consultar, porque o respeito vem de lá para cá. Começa assim, de lá para cá, porque é você que está no seu bairro. Então fazem algumas coisas...

Nesta semana, talvez vocês estão mais próximos do Burle Marx saberão o que eu falo, eu precisei intervir numa casa de *show* na João Dias, lá na ponte, nem casa de *show* é. É um terreno onde uma empresa achou que lá poderia fazer *show*. Mas acho que quem mora perto do Burle Marx estava ouvindo o som do *show* da João Dias.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. ISAC FELIX - Colégio Pio XII, você vê.

Num terreno vazio chegou uma empresa, montou uma estrutura de casa de *show* sem alvará, sem documento, sem nada. Eu precisei intervir porque o som estava indo da Ponte João Dias até o Estádio do Morumbi. A cidade não é quintal de todos para fazer o que querem. Precisamos respeitar.

—————
Graças a Deus intervimos, já foi feita a lacração. É assim que tem de ser feito e o Plano Diretor serve para isso. Muitas vezes o bairro é tranquilo, o cara chega lá e põe um bar, acaba com o sossego de todo mundo. E o Poder Público muitas vezes deixa passar batido.

Eu gosto de audiências públicas, eu gosto de consultar a população e levar a sua reivindicação para que possamos discutir.

Quero dizer ao pessoal do Burle Marx que se depender deste Vereador vocês não estarão sozinhos.

Deus abençoe a todos. Obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Jussara Basso) – Passo a palavra agora ao Subprefeito de Campo Limpo, Sr. Alan Eduardo.

O SR. ALAN EDUARDO DO AMARAL SEBASTIÃO – Bom dia. Em primeiro lugar quero agradecer a Deus por estarmos juntos nesta manhã, cumprimento as Vereadoras Ely Teruel, e Jussara Basso, e os Vereadores Gilson Barreto e Isac Felix.

A minha fala hoje vai no sentido de, em nome do Prefeito Ricardo Nunes e do Secretário Alexandre Modonezi, agradecer a participação de todos na discussão do PL

127/2023, que trata do PDE.

Esta participação é muito importante para que possamos construir um projeto adequado para a população, porque ninguém melhor do que quem mora na região para saber das necessidades. Este é o momento de ouvirmos vocês para debatermos no diálogo, para que possamos construir um belo projeto que contemple principalmente a população.

O nosso corpo técnico está presente, assim como a Coordenadora do CPDU, a Márcia Dias; nosso Chefe de Gabinete, o Devair Paulo de Andrade; a Coordenadora de Governo Local a Tereza Cristina dos Santos Bezerra, que estão aqui para dar amparo a vocês, ouvir as questões para que possamos contribuir como Executivo e vocês como cidadãos, com suas opiniões para que esse projeto seja viável a todos nós.

Desejo a todos uma boa reunião e bom debate. Bom dia. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Jussara Basso) – Registro a presença da Sra. Márcia Dias, Coordenadora da CPDU, da Subprefeitura de Campo Limpo.

Quando nós falamos da zona Sul de São Paulo podemos pensar que esta região, na verdade, são três cidades diferentes. Aqui onde estamos é o limite de São Paulo com Taboão da Serra, onde abriga o Jardim Ângela, limite com Itapeverica e seguimos, Parelheiros, enfim, é gigantesco pensar na zona Sul de São Paulo.

É por isso que as audiências públicas são importantes, justamente no momento de revisão do Plano Diretor. Se pensamos a nossa região e o crescimento dos últimos anos, na verdade, nós mudamos muito o cenário daqui.

Se vemos hoje a Av. Carlos Lacerda, Estrada de Campo Limpo, o Morro do S, já chegando no Capão Redondo, não se consegue mais suportar o afunilamento do trânsito. A mobilidade urbana precisa ser pensada para o lado de cá, no sentido do alargamento dessas vias e da construção de novas vias para escoamento de trânsito de carros particulares, mas também para os ônibus, porque o nosso povo precisa chegar ao trabalho. Nós sabemos que o metrô do Capão Redondo conseguiu resolver uma boa parte disso, mas só há pouco tempo chegou até a estação Klabin e permitiu que muitos passassem a usar o metrô em vez dos ônibus.

Entretanto, ainda precisamos expandir muito nesse sentido.

Aí, vem a questão ambiental. Na semana passada, eu estive no Jardim Rosana, justamente visitando um parque, um pequeno parque. Ele deve ter mais ou menos uns cinco por cinco, assim. É coisa muito pequena, menos de 20 mil metros quadrados. É um parque muito pequeno, que tem uma nascente. É uma remanescente, também, da Mata Atlântica. Esse parque precisa ser encravado, cuidado, nomeado, e a população daquela região reivindica esse parque para além da regularização fundiária, porque é sabido por nós que os dois grandes problemas são: nós precisamos preservar as nossas reservas de mata, mas nós também precisamos fazer uma urbanização controlada, que permita que as pessoas tenham onde morar com dignidade.

A nossa região cresceu bastante e cresceu muito, inclusive, em ocupações desordenadas, por conta da ausência de moradia social. Nós ainda precisamos avançar muito, mas muito, mesmo, na produção de habitação social e habitação popular. É justamente um dos pontos que eu presumo serem os mais importantes contidos no Plano Diretor. Algumas áreas de ZEIS estão ocupadas e as pessoas continuam morando de forma precária. São recursos e investimentos necessários para que consigamos construir casas, moradias dignas, mas de forma controlada, que também não agrida o meio ambiente.

Não adianta colocar uma torre de 10 andares na nossa região, sabendo que aqui será mais um problema, inclusive, de mobilidade urbana, porque, com uma torre de 10 andares, vão ser mais carros, mais demanda de transporte público, mais demanda de escola. Nós precisamos garantir que consigamos abrigar todas as famílias que continuam sem teto, fazendo com que moradias sejam construídas de forma controlada, respeitando as nossas nascentes e os nossos parques, mas pensando que uma população aumentada vai aumentar as demandas, também, da mobilidade urbana.

Não dá mais para encontrarmos manifestações como esta, e para mim é indignante perceber que nós ainda lutamos para a preservação das nossas matas. Neste momento, deveria ser o principal debate a preservação dos pontos das matas de São Paulo, porque nós não podemos permitir a impermeabilização total da cidade, que faz populações inteiras sofrerem com

enchentes, pessoas perderem o pouco que têm, os seus bens, por enchentes, enquanto continuamos transformando a cidade em um cimento cinza. Precisamos de árvore, de mata, de nascente, de moradia, de uma urbanização controlada e da participação popular, para garantir que todas as demandas sejam atendidas.

Era isso o que eu gostaria de deixar aqui registrado e a partir de agora vamos chamar os nossos inscritos.

Muito obrigada. (Palmas)

Chamo para fazer uso da palavra o Sr. Roberto Delmanto, do SOS Panamby.

(Palmas)

O SR. ROBERTO DELMANTO JUNIOR – Bom dia a todos. Eu gostaria de agradecer muito a possibilidade de estarmos aqui. É a segunda audiência pública de que o SOS Panamby participa. Para quem não conhece, nós somos, hoje, 25.362 pessoas, que participam ativamente do SOS Panamby pela causa ambiental e, notadamente, do Parque Burle Marx.

Eu gostaria de agradecer ao Vereador Gilson Barreto, do PSDB, e à Vereadora Jussara Basso, do PSOL. Foi um prazer ouvi-la, Vereadora. Vereadora Ely Teruel do PODEMOS, muito obrigado pela presença. Vereador Isac Felix do PL, é uma grande honra estar com V.Exa. Um agradecimento a V.Exa. pelo que tem feito por toda região do Campo Limpo e agradecer ao Subprefeito de Campo Limpo, Dr. Alan Sebastião, que conhecemos, já estivemos em luta. Sou meio que figurinha carimbada aqui no meio da turma, já me conhece bastante.

Sras. Vereadoras Ely Teruel, Jussara Basso, mulheres que hoje tem a sensibilidade de ouvir a população, mais que os homens. Nossas mulheres têm aquele *plus*. Gostaria de dizer que o Parque Burle Marx é Campo Limpo, por isso que nós estamos aqui. O Parque Burle Marx não é um pedacinho de bacana, de gente rica. Não! O Parque Burle Marx é Campo Limpo. Gostaria de dizer que é o último resquício de Mata Atlântica originária no Rio Pinheiros da cidade de São Paulo. Ali há projetos para construção para mais de 20 torres de 40, 50 andares. Além do Parque Global que já é uma cidade, eles querem construir outra cidade no Burle Marx, desmatando mais de 5.500 árvores numeradas para desmate que havia sido aprovado há oito

anos atrás. O Ministério Público Federal entrou com uma ação e graças ao movimento SOS Panamby saiu na *Veja*, no *Estadão*, na *Folha*, na *Globo*, na *Bandeirantes*, todas, o escândalo que essa destruição de remanescente de Mata Atlântica pelo Fundo Imobiliário Panamby, pela Cyrela, pela Camargo Correa, tudo para ganhar dinheiro. E nós fizemos esse grande movimento. Não é fácil ter 25.362 pessoas mobilizadas. O que acontece? A proposta é haver ampliação do Parque Burle Marx. Pouco importa se é desapropriação, se é troca por Cepac. Não importa a maneira. Temos de preservar aquilo lá. Tem de integrar o parque. E mais, na Ponte João Dias é ZEIS – Zona Especial de Interesse Social onde há um projeto de construir habitação social, para que as pessoas de todas as classes tenham acesso ao Parque Burle Marx. Nós, ampliando o Parque Burle Marx, vamos trazer o Campo Limpo para dentro do Parque Burle Marx. Temos essa visão social. Porque, na ponta serão construídas, se der certo a ampliação do Parque Burle Marx, bem na Ponte do João Dias, já tem um projeto para construir habitação social. Precisamos integrar o Burle Marx ao resto do Campo Limpo. E essa proposta, essa integração vai pela ampliação do Parque Burle Marx. Ali foi descoberto mais de 200 espécies de aves. A parte ambiental é fortíssima com nascentes e é impressionante que já havia aprovação para derrubar 5.500 árvores.

Então é um grande pedido que nós fazemos aos Srs. Vereadores a inclusão do Parque Burle Marx a essa área envoltória do Parque no quadro 7. Porque basta colocar no quadro 7, depois a Prefeitura vai ver se desapropria ou não. O que precisa é colocar nesse quadro 7. É só isso que nós pedimos: a colocação no quadro 7.

Quem olha o Burle Marx da Marginal, vê aquela montanha verde. É um engodo. Acha que aquilo tudo é parque. Não é! O Parque Burle Marx é uma “titicazinha” ali. É um pedacinho de quebra cabeça, como o Parque Trianon, na Paulista. Não é nada o Parque Burle Marx. Toda aquela área verde era privada para ser derrubada e ser construída. Já temos o Parque Global. São dezenas e milhares de pessoas, só a parte de hospital são mais de 40 mil pessoas. Fora as torres. Agora querem também acabar com a área verde restante. Já chega!

Portanto, pedimos as Sras. e Srs. Vereadores um olhar especial para o Parque Burle

Marx, porque não veio no projeto do Sr. Prefeito. Não sei porque não veio. Dessas 700 participações a que mais recebeu participação - foi feita à apresentação, eu tirei foto - a que mais teve participação de opinião pública está aqui, áreas verdes quadro 7. Etapa 3 do processo de 794 participações. Vocês sabem quantas foram do SOS Panamby, se colocar lá Burle Marx no quadro das sugestões? 550 das 794 participações. 550 foram do SOS Panamby do Burle Marx. E não veio. Eu não sei por que o Prefeito Ricardo Nunes não colocou, é só colocar no quadro 7, mais nada. Então, nós realmente aguardamos que com esse movimento o Prefeito Ricardo Nunes faça uma revisão, envie um novo projeto, ouça a população pelo menos para incluir no quadro 7, porque senão incluir no quadro 7, as construtoras vão continuar brigando. Nós temos uma liminar na justiça, liminar a gente sabe que a qualquer momento cai, se cair essa liminar nós teremos a maior devastação da história de São Paulo acontecendo aqui no Campo Limpo.

Não é só nesse pequeno parque que precisa ser preservado, todas as áreas verdes de São Paulo precisam ser preservadas. Não é questão de rico ou de pobre, é a questão das futuras gerações e a questão de acesso. Precisamos criar o acesso de todo o Campo Limpo, da ponte João Dias, que está dentro do Parque Burle Marx e, se a gente fizer essa ponte, vai ter acesso direto da Ponte João Dias para dentro do Parque Burle Marx.

Muito obrigado a todos, eu agradeço a possibilidade dessa participação Srs. Vereadores, sincero agradecimento.

A SRA. PRESIDENTE (JUSSARA BASSO) – Quero registrar também a presença do Thiago Luz que é representante do Movimento em Defesa da Mata Esmeralda, há uma reserva de Mata Atlântica lá no Butantã, se quiser fazer o uso da palavra, por favor, se inscreva. Vou chamar o próximo inscrito, Sr. Hog Massaretto Scarpellini, comerciante e morador da Cupecê, peço desculpas se tiver pronunciado errado.

O HOG MASSARETTO SCARPELLINI – Bom dia a todos, é a primeira vez que estou participando de uma situação dessas e eu não sou muito bom com microfone, então me perdoem já de início. vereadora Jussara, bom dia, obrigado por ter convocado essa reunião aqui e aos demais Vereadores e Vereadoras, bom dia Subprefeito. Eu sou comerciante na Avenida Cupecê,

que faz parte da zona Sul, apesar de alguns não considerarem muito porque está um pouco mais para cima, mas a zona sul é muito extensa realmente, como os Vereadores falaram aqui, e nós não podemos esquecer a zona Sul tem uma característica bem bacana, ela tem alguns bairros bem nobres, mas também tem alguns bairros bem pobres e, apesar de estarmos perto do Jabaquara, a Avenida Cupecê tem bastante comunidade ali. Recentemente nós tivemos um comunicado que o nosso Prefeito, através do Decreto 62.221 agora de 2023, determinou uma área que é basicamente comércio e residência, como de interesse público, para a construção do Terminal Jardim Miriam. Esse terminal já vem mais de 10 anos sendo debatido e ele já foi empurrado várias vezes para longe da nossa região por quê?

Porque não há interesse desse terminal naquela localização. Hoje nós temos um bairro onde tem um corredor de ônibus que não passa ônibus, às seis horas da tarde se você precisar pegar um ônibus você vai entrar numa condução lotada que parece uma caixa de sapato, malcheirosa, extremamente lotada. É comum passar as seis horas da tarde pelos pontos e ver a população parada esperando o próximo ônibus porque não conseguiu entrar naquele. Então, acho meio ridículo essa situação de falar que vamos fazer um terminal de ônibus aqui, terminal para que para o ônibus que nem passa na nossa região?

Esqueceram da Avenida Cupecê há muito tempo e não é só isso tem mais um detalhe: esse terminal de ônibus mata de imediato 400 postos de trabalho formal da nossa região. A nossa região já é carente, já tem necessidades, a gente não precisa de mais desemprego na região, a gente não precisa que um morador ali da nossa região tenha que pegar uma condução para ir para o centro da cidade, ou lá para um bairro nobre, ou para algum outro bairro, ele já trabalha ali. Esse morador merece dignidade de trabalhar no seu bairro. Não é só o trabalho que vai ser sacrificado, moradias serão sacrificadas, pessoas idosas vão receber um valor venal do seu imóvel que a gente sabe que não é nada e esse valor venal não dá para comprar outra casa, ou seja, a pessoa que trabalhou a vida inteira, fez ali a sua casa, construiu, muitas pessoas vemos construindo com o próprio suor, nos fins de semana, compram os blocos, passam seu cimento e fazem a sua casa, não foi alguém que pagou um pedreiro, uma pessoa que tem

condições de ter uma casa lá financiada ou coisa assim. São pessoas que construíram com o próprio suor, e não é só o suor juntando dinheiro, mas suor montando tijolo por tijolo, e hoje essas pessoas vão sair dali com nada no bolso para morar em qualquer outro lugar, pessoas que já estão idosas, dependem de uma aposentadoria. É muito curiosa essa situação. E, aí, eu faço a pergunta: nós estamos aqui para ser ouvidos? Nós somos a população? Eu tenho mais de mil assinaturas do bairro que não têm interesse nesse termina. Então, quem está nos ouvindo? Porque o decreto do Prefeito não ouviu ninguém. Simplesmente, em uma sexta-feira, ele assinou um decreto por interessa da Companhia de Transporte Público, sem ouvir um munícipe sequer, sem ouvir um morador da Avenida Cupecê. Então, onde estamos sendo ouvidos?

Qual é a função dessa Prefeitura? Se é nos ouvir, estou eu aqui me colocando à frente, para falar neste microfone, com toda a minha timidez, e dizer em nome dos moradores da Avenida Cupecê: não é assim que a coisa funciona. Existem terrenos vazios na avenida, existem lugares que no máximo sacrificariam dois empregos, e esse terminal poderia ir para lá. Mas, não: todas as vezes escolhem centenas de moradias, comunidades, escolhem destruir empregos. Por quê? Porque tem alguém por trás desses terrenos vazios? Existe uma construtora interessada? Eu acho que está faltando interessa na população realmente. Está havendo interesse, sim, nas construtoras. Então, é hora de a Avenida Cupecê ser ouvida e de nós sermos ouvidos realmente. É a terceira vez que vêm se apropriar de espaços do nosso bairro, sacrificando moradias e trabalho; e pela terceira vez estamos lutando contra. Está difícil para o município nos ouvir? O que mais precisamos fazer?

Obrigado. Desculpem se me alonguei demais. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Jussara Basso) – Antes do próximo inscrito, eu gostaria de registrar a presença da coordenação da ONG Pacto Social e Carcerário. Muito obrigada pela presença de vocês, Geraldo e Luciene. (Palmas) Registro, a título de informação, que há um ônibus cedido pelo município, que, ao final da audiência, sairá gratuitamente até o Terminal Campo Limpo. Próxima inscrita, Rosângela Vieira, munícipe de Vila Andrade.

O SR. GILSON BARRETO – Presidente, só me permita. Vou precisar me retirar, porque tenho que participar de outras audiências públicas. Então, boa sorte a vocês. E não se preocupem, tudo o que vocês estão falando está sendo registrado. Temos o sub-relator, o Vereador Eli Corrêa. Informo que também participa da Comissão o Vereador Beto do Social, a Vereadora Janaína Lima, este Vereador, Eli Corrêa, João Ananias, Ely Teruel e a nossa presidente, Jussara Basso. Boa sorte a vocês. Muito obrigado e boa reunião. E vou acompanhar, estarei sempre alerta. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Jussara Basso) – Até logo, Vereador. Sra. Rosângela, pode ficar à vontade.

A SRA. ROSÂNGELA VIEIRA – Obrigada. Bom dia a todos os presentes. Meu nome é Rosângela Vieira, sou do distrito de Vila Andrade e também sou representante do CADES do Campo Limpo. Obrigada, Delmanto, você economizou meus minutos, nem preciso mais falar sobre a importância das áreas verdes. Vou usar minha cola, porque tenho número aqui.

Reforço só sobre a urgência, gente, da preservação das áreas verdes. A gente está perdendo áreas de forma acelerada. Desde 2014, no nosso famoso quadro 7, a gente tinha 167 parques a serem implantados. A nova revisão prevê 46. Vereadores, não estamos implantando parques. No período de 8 anos, implantamos de 8 a 11 parques.

Eu represento também o grupo do Itapaiúna. O Itapaiúna está sendo implantado porque nós entramos no Ministério Público. Isso não pode acontecer. Existe um Plano Diretor, com uma relação de parques a serem implantados. Eles precisam ser implantados. Há outra informação importante. A gente fala muito em praça, em praça. Quando a gente fala em área verde, a gente fala em parque e corredores verdes. Corredor verde é um novo conceito do plano Planpavel, da Secretaria do Verde, que é extremamente importante. Para vocês terem ideia, oito parques previstos no PDE foram excluídos do quadro e viraram conceito corredor verde, porém esse conceito não consta no Plano Diretor. Ou seja, essas áreas não serão protegidas.

Vereadores, é preciso incluir, no Plano Diretor, o conceito de corredor verde. Nós perdemos oito parques para a categoria corredor verde. O que vai acontecer? Se não incluirmos

no PDE, eles vão entrar no conceito de zeladoria de subprefeitura, e hoje todos sabem que nós retiramos mais árvores do que plantamos. Existe uma meta do plano de metas, que são 50% de cobertura vegetal na cidade, só que a gente faz o contrário: As subprefeituras cortam mais do que plantam. Então, quando você vai ver essa meta de cobertura, ela está sendo defasada toda vez. Então, assim, não existe sinergia entre todas essas atividades. Isso é muito sério. Tem que ser incluído o conceito de corredor verde no Plano Diretor.

Falando novamente em números, há uma desigualdade territorial de parques muito grande na cidade. Há muitos descritos que sequer têm um parque. No caso do Campo Limpo, nós somos uma região com aproximadamente 620 mil habitantes. Nós temos cinco parques e 80 praças apenas. Oitenta praças, nesse município, significa uma praça para cada quase oito mil moradores. É a maior disparidade em relação às outras subprefeituras. Então, é muito sério. A gente tem mais nove parques no Campo Limpo para serem implantados constantes no PDE, desde 2014, e não são implantados.

Então, urgência novamente. Precisamos criar um cronograma, um planejamento de implantação desses parques. Não adianta somente constar no quadro sete. Precisa ser implantado, gente. Isso é muito sério. Eu acho que tem de haver uma atenção. Todas as audiências estão sendo faladas de forma muito enfática sobre as áreas verdes, mas efetivamente nada está sendo feito. Essa é a verdade.

Então, Vereadores, peço aqui: Vamos olhar para a nossa região do Campo Limpo. A gente tem nove parques para serem implantados e eles, desde 2014, continuam no quadro. Então, a gente tem que olhar, com atenção, para isso. Nós estamos perdendo, de forma acelerada, as áreas da cidade. Isso vai ser irreversível. Então, a gente tem até 2029 para implantar 146 parques. É isso. O que falta? Planejamento, com cronograma de implantação. É isso.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jussara Basso) – Tem a palavra o Sr. Oscar Lira, do CADES CL.

O SR. OSCAR LIRA – Bom dia a todos. Bom dia a todos os moradores da Vila Andrade, Campo Limpo e Capão Redondo. Vereador Isac, prazer em revê-lo. Vereadora, prazer em conhecê-la. Alan, bacana. Então, vamos lá. Mais um reforço sobre os parques: Participamos do Cads. Está aqui a nossa amiga Rosângela e a turma da Vila Andrade, que é mais organizada, tem mais bojo e tem mais força. Não dá mais para admitir a destruição das áreas verdes no Campo Limpo. Quando eu falo Campo Limpo, eu falo Capão Redondo, Campo Limpo e Vila Andrade. É nossa área, nosso território. São mais de 600 mil habitantes que precisam de mais áreas verdes. A população que mora, por exemplo, no Capão Redondo, tem que se deslocar ou para o Parque Santo Dias, que é pequeno, ou atravessar praticamente a cidade, para poder ir a uma área verde e ter um pouco de saúde mental, saúde física etc. O que acontece com o nosso território? Os parques estão sendo totalmente ocupados de forma desordenada.

São invasões a todo momento. São construções irregulares e vendas de lotes. Há vários grupos em que o pessoal vende lotes dentro do Parque do Horto do Ipê, e em outros parques que nós já vimos. Isso os Vereadores já têm consciência e já sabem.

Além da venda de lotes, começam a construir casas e edificações que surgem do nada, fazem um, dois, três, até quatro andares. Aquilo vira locação! Twm gente ganhando dinheiro. Locação! E isso dentro de construções na área do parque, é comércio, são garagens. Poxa, como é que pode? O cara não tem dinheiro, não tem condições e, do nada, constrói três ou quatro andares, está lá com suas casas de aluguel e com suas garagens, comércios. É absurdo.

Dentro dos parques dos lugares mais extremos no Capão Redondo e Campo Limpo é medonho! Não está sobrando mais nenhuma área verde. As beiras dos córregos, que eram para ser preservadas e estão dentro de leis federais e estaduais não são preservadas! As pessoas constroem em tudo! Não sobra nada. Não sobra um tico de nada.

E vou fazer, aqui, uma denúncia: Vereadores, dos quais não citarei os nomes, e não estão aqui, eles vão nessas áreas entregar cimento, areia, vão levar cestas básicas, então mantêm essas pessoas de forma irregular. É mais que absurdo, é um escárnio isso.

Não dá mais para admitir, nem aceitar isso. Ou o Campo Limpo toma consciência, e os Vereadores e o território começam a se ordenar da forma correta, ou vamos ter, para as nossas próximas gerações, só comunidades, invasões, áreas destruídas e pessoas morando nas piores condições possíveis. Não dá mais turma! Infelizmente, não dá mais. Ou nós melhoramos esse processo de ordenamento urbano e protegemos esses nove parques, ou teremos uma situação muito ruim para todos no futuro.

E dá para fazer isso. Temos, hoje, legislação para fazer o ordenamento urbano, inclusive a legislação fundiária de quem já está lá no local, mesmo que invadido há muito tempo. A legislação fala das invasões que aconteceram há 20 ou 30 anos, que também podem ser regularizadas; que dá para construir os projetos como o parque Pirajussara 05 e o 07. Precisa ser ordenado, não dá mais para admitir.

Vou citar os parques que já estão nessa linha de execução e que nós precisamos brigar muito por eles, sejamos nós como CADES, como moradores da Vila Andrade, do Capão Redondo e do Campo Limpo. São parques lineares Tapaiúna, Clipperton, Morumbi Sul, Feitiço da Vila Fase 2, Horto do Ipê – que está em processo de degradação total, aliás, é muito construção ali, está horrível, quem tiver curiosidade de dar uma volta ali nesse circuito, parece um cine terror -, Cabeceira Caboré. Área importante Cabeceira Caboré, é a última área daquele pedaço – esqueço o nome da avenida – é Guilherme Dumont, que está sendo pulverizado, ali precisa urgentemente ser projetado.

Continuando: Comunidade Aureliano, Campo Limpo e a ampliação do Burle Marx. Porque, vejam, a ampliação do Burle Marx vai trazer para todo o Campo Limpo e Capão Redondo uma opção maior de se ter um parque de usos e frutos para todos dessa comunidade que é muito carente e precisa muito. Muito obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Jussara Basso) – Suzi Spengler, Associação Horto do Ipê.

A SRA SUZI SPENGLER – Muito obrigada. Todos já falaram tudo que eu gostaria de ter falado, então, parabéns a todos. Parabéns a todos que estão aqui, hoje, lutando, sejam nossos Vereadores, nosso Prefeito, cada um de nós. Cada um luta por sua comunidade.

Resumindo a parte de verde e a parte de habitação. No caso do verde, todo mundo gosta de preservar a Amazônia e luta para que ela seja preservada. Mas todo mundo quer cimentar o seu quintal. E isso acontece muito em São Paulo.

E, enquanto se discute inteligência artificial, boa parte da nossa população mora que nem rato: não tem dignidade nenhuma. Tem um monte de projeto de reurbanização e de regularização fundiária na Sehab que não sai do papel. E, de novo, enquanto isso o pessoal fica ao Deus dará. É isso. Muito obrigada. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Jussara Basso) – Por gentileza, para uso da palavra a Raíssa Oriz. Desculpe se eu pronuncie errado. Acredito que seja. Raísa, é isso? (Pausa) Raira. Está bem. Peço desculpas pelo erro na pronúncia. Ela é moradora do Jardim Irene.

A SRA. RAIRA DINIZ – Oi, gente; tudo bem? Bom dia. Sou a Raira, sou jornalista também. Trabalho na Câmara Municipal. Acho muito importante tudo o que vocês estão falando referente aos parques. Não sou contra nada, até porque a gente tem uma luta muito grande, não só em São Paulo como em todo o Brasil, nessa questão de meio ambiente, que é um problema muito grave. Mas eu acho que aqui na região do Campo Limpo a gente tem fatores muito mais importantes também, que têm que ser incluídos no Plano Diretor.

Por exemplo, a gente tem a questão das enchentes. Minha mãe mora no Jardim Irene, cresci aqui na região. Então, todo começo de ano, janeiro, enche. A casa dela e a rua dela não alagam, mas a rua próxima tem esse problema. Inclusive, o Alan, Subprefeito, me conhece. Fui a algumas reuniões com ele, estou nessa luta, indo às reuniões no Departamento de Água e Esgoto, do Governo do Estado. A gente está numa briga muito grande com esse problema de enchente.

A gente tem que pensar nessa questão. Se é para ampliar um parque, a gente tem que pensar na questão de desapropriação. Porque, uma vez que você vai ampliar, você tem que pensar: eu estou desapropriando as casas. Está errado construir casa dentro de parque? Está. Mas, espera aí: quando você fala de desapropriação, diz: “vou tirar *etc.*” Mas essas pessoas vão morar onde? Aí, a gente inclui o problema da habitação. A gente sabe que não é um processo

fácil, e habitação é uma questão muito difícil. Aí, entram na questão o Governo do Estado. Estou nessa luta com alguns moradores. Quando a gente fala der desapropriação, a gente tem que ter cuidado para que não se promova um processo de gentrificação ao redor do parque. Por exemplo, aqui a gente tem o Parque Morumbi Sul, que é aqui perto da Estação Campo Limpo. É um parque grande, enorme, tem muita coisa lá que poderia ser aproveitada. Inclusive, ele foi privatizado, mas o parque está abandonado. Ele tem um lago horrível, um lado que fede. Costumo andar ao redor com o meu cachorro, e está ao deus-dará. Mas ali também tem moradia ao redor. Tem um lado periférico, mas também tem um lado dos condomínios. Só que o parque está ali, abandonado. Então, a gente vai ampliar um parque, mas vai deixar os outros parques? A gente tem que pensar também que não existem apenas os parques, como o Ibirapuera, o Villa-Lobos. Eles são importantes, mas temos que pensar nos parques periféricos, porque todo mundo precisa do verde, todo mundo precisa ter uma área em que se vai andar, se divertir e ter lazer. As pessoas precisam de lazer, as pessoas levam seus filhos, vão fazer caminhada, vão correr. Não estou falando de rico ou de pobre, estou falando da questão de bem-estar para todos.

Uma vez que a gente fala aqui o “não importa” ou “não interessa” a questão de desapropriação, a gente está sendo higienista. Então, isso para mim é muito grave, gravíssimo. Então, eu gostaria que você pudesse colocar isso também em relação ao Parque Morumbi Sul, e não só do parque. Temos aqui no Campo Limpo problemas muito graves, como o da enchente, que acontece todo ano. Inclusive ano retrasado teve enchente no Jardim Irene, e eu consegui, com a Secretaria de Assistência Social 60 cestas básicas e 600 colchões nessa luta, porque foi horrível. Eu estava viajando, e o pessoal me ligando. Hoje eu moro em outro bairro do Campo Limpo, mas minha mãe continua lá. E o pessoal me ligando, pedindo ajuda, desesperado. Eu voltei para poder socorrer o pessoal, porque mesmo que eu possa morar em outro lugar, não tem jeito: chega essa época, eu fico desesperada com o pessoal.

É horrível esse problema de enchente todo ano, todo janeiro é o mesmo problema. As pessoas compram seus móveis, perdem móveis; compram móveis, perdem móveis. E, aí, eu não falo nem de canalização, que é um processo de anos, vem verba do Governo Federal para

o Governo Estadual, e eu não sei por que o Governo Estadual tanto segura esse dinheiro, porque faz tanto tempo. O governo mudou, mas é um negócio complicado. Eu falei de obra emergencial, pelo menos, se fazer um muro gabião, coisas emergenciais. Até isso foi uma luta.

Então, é assim, é um processo. Ela já me recebeu lá, numa reunião que nós tivemos recentemente em março. Esse documento foi passado para Siurb, foi feito um ofício e a gente está esperando os encaminhamentos, para saber como vai ficar lá, se essa obra emergencial vai ser feita. Então, eu preciso que vocês também priorizem a questão das enchentes no bairro, além dessa questão de outros bairros, como prioridade também.

Obrigada. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Jussara Basso) – A Sra. Rosângela Vieira só quer mencionar um ponto que ela se esqueceu.

Seja breve, por favor.

A SRA. ROSÂNGELA VIEIRA – Não é que eu esqueci. É que não dá tempo de falar em três minutos. Na verdade, é só um ponto em relação à organização. Eu sinto falta, numa audiência regional, de vocês trazerem, como nas temáticas, as alterações que estão sendo feitas no PDE. Não foi falado. Vocês só citaram artigos. Eu acho que aqui ninguém entendeu nada. Quem não leu o documento, que é maçante, não entendeu. Então, as pessoas estão trazendo os problemas do bairro, mas não associando ao PDE. Vocês colocaram assim: “Os principais artigos que tiveram alterações.” E vocês teriam que trazer um documento como foram as outras audiências, trazer as alterações, para que as pessoas pudessem se apropriar disso. Então, acho que isso foi falho. Eu fiquei um pouco decepcionada, até de uma apresentação com uma fala gravada. Eu acho poderia haver alguém apresentando, como foi feito até agora em todas as audiências. Eu participei de várias outras. É preciso mostrar para a população o que está sendo alterado no PDE e não citar uma lista de artigos, gente. Alguém aqui conhece algum artigo que foi citado? (Pausa) Ninguém. Vocês têm que trazer o que foi alterado, como foi feito nas audiências. Eu esperava ver isso, ver todos os pontos, para que a população se apodere da informação e aí sim entenda, quando muito se cobra da participação da população. Gente, vocês

têm que levar a informação correta. A informação não chega como tem que chegar, e aí há uma desmotivação. Olhem o tamanho desse auditório vazio. As pessoas não se motivam, não conseguem entender o processo. Então, assim, é preciso olhar, com atenção, isso, a forma da divulgação. “Ah, está nas redes sociais.” Todo mundo tem acesso numa região de vulnerabilidade social como a nossa? Então, por que vocês não colocaram cartazes nos postos de saúde e nos equipamentos públicos? A gente tem que pensar de uma forma diferente numa região periférica, numa região de vulnerabilidade social e comunicar de forma diferente. E quando trazer para cá, trazer com uma linguagem clara e não em forma de lista de artigos o que está efetivamente sendo colocado. Então, aqui registro a minha decepção.

Obrigada. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Jussara Basso) – É importante colocar que o PDE, esse projeto é uma apresentação do Executivo. Os dados compostos no vídeo é um resumo geral. A minuta do Plano Diretor está sendo discutida e está disponível. É assim: Nós estamos registrando todas as dúvidas e vamos encaminhar, mas eu acho importante a colocação inclusive, para que a gente se detenha mais em explicar alguns pontos em nossas comunidades. Eu acho que é um exercício não só dos parlamentares que vieram da Câmara, não só dos assessores, mas também de toda a sociedade.

Muito obrigada.

O SR. ISAC FELIX – Só cumprimentando a palavra da nossa Presidente, a Jussara, o projeto está chegando à Câmara Municipal de São Paulo. Nós, Vereadores, estamos estudando isso; e essa questão das audiências públicas é muito importante e nós estamos aqui e outras pessoas também na Câmara já discutindo isso, todas as sugestões.

Nós vamos começar a debruçar em cima das mudanças agora, os próprios Vereadores. Então, nós estamos até conversando com o Presidente Rubinho Nunes, o relator e o Presidente da Câmara, Vereador Milton Leite, porque os Vereadores vão começar a questão das mudanças. Nós vamos começar a discutir isso agora, até vir a votação. Então, tudo está sendo debatido e tudo está sendo elaborado.

E cada Vereador da cidade de São Paulo e cada sugestão, porque, muitas vezes, nós, Vereadores, não enxergamos a necessidade do que precisa ser mudado, mas a população sabe o que é melhor para o seu bairro, o que precisa ser mudado, o que precisa continuar, o que precisa sair e o que precisa ser implantado.

Então, essa discussão começa a ser feita agora em cima do que o Executivo nos mandou, porque o Executivo precisa mandar para a Câmara algumas ideias, algumas propostas, como mandou; e agora nós começamos a discussão nas audiências públicas. Por isso, essa força popular e essa união com a Câmara, com o Poder Executivo, para que nós possamos fazer um Plano Diretor para que, se possível, atenda a todos. Essa é a ideia. Mas, se não for possível, que possa atender a maioria e por uma cidade melhor.

Obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Jussara Basso) – Obrigada, Vereador. Está sendo distribuído um pequeno sobre um estudo que fizemos, a partir do nosso mandato, em relação ao PDE, que os senhores podem ficar com uma cópia e, qualquer dúvida, o mandato também está à disposição.

O próximo inscrito é a Sra. Wellyene Gomes Bravo, Conselheira de Campo Limpo.

A SRA. WELLYENE GOMES BRAVO – Bom dia a todos. Tenho o prazer de dizer que nesta audiência do Campo Limpo está havendo uma participação um pouco maior, o que é superimportante.

Eu sou do Conselho Participativo do Campo Limpo, no segundo mandato, também sou representante pela macrorregião Sul 2 no Conselho Municipal de Política Urbana, que representa a Subprefeitura do M'boi Mirim, da Capela do Socorro, da Cidade Ademar, Santo Amaro, Parelheiros e a nossa região do Campo Limpo.

É uma responsabilidade muito grande porque, durante o meu mandato, nas discussões dentro do C MPU, órgão responsável para coordenar, participar da coordenação desse processo de revisão do Plano Diretor, esse foi o único tema discutido praticamente naquele colegiado. Foi uma tarefa bastante difícil.

Eu vi na apresentação como funcionou, o que o Poder Público, a Administração Pública, fala desse processo participativo, e garanto a vocês que o papel aceita, desenha e floreia as coisas muito mais do que acontece na realidade.

A gente sabe que existe um problema muito grande na Câmara Municipal. Segundo pesquisas da Rede Nossa São Paulo, que sempre demonstram uma avaliação muito ruim da população em relação à Câmara, infelizmente, por não ouvir a população. Quer dizer, o fato de termos Vereadores ou representantes da Administração Pública em audiências públicas não significa que eles estão nos ouvindo se, na hora de votar e na hora de fazer as suas emendas, eles não atenderem o pleito da população.

Então, eu peço muita atenção nesse sentido, porque nas audiências que aconteceram no Executivo muitas das propostas não foram acatadas, como foi falado pelo colega há pouco, inclusive a inclusão de coisas no Quadro 7 do PDE, como foi falado.

Também há outra ferramenta que foi prevista no Plano Diretor, que é o artigo 332, que diz que a Prefeitura deverá realizar audiências por ocasião de processos de licenciamento de empreendimentos e atividades públicas etc., de forma a ouvir a população.

A gente verifica também, conforme colega da Sabará trouxe para nós, que são feitas audiências e, mesmo assim, há uma insistência do Executivo de fazer coisas que a população do território não quer, ela entende que há outros tipos de prioridades. Então acho muito importante que as ferramentas do sistema de gestão de democrática da Cidade tenham atenção especial da Câmara, do nosso Poder Legislativo.

A questão do Fundurb, ouvi muita gente aqui falando sobre meio ambiente, sobre a necessidade de parques, que é fundamental a criação de corredores ecológicos - como a minha colega do CADES, a Rosângela, colocou -, é fundamental, que é a interligação de diversas áreas verdes. O corredor ecológico é uma interligação das diversas áreas verdes da Cidade, do território, para que possa haver o trânsito de aves, dos animais e melhorar as condições de saúde, de lazer das pessoas no território também. Então, o que a Rosângela colocou de ter a previsão dentro do Plano Diretor da criação, do conceito de corredor ecológico é fundamental.

Também quero colocar a questão do Fundurb, que foi uma das alterações encaminhadas para vocês, Srs. Vereadores, alterando algumas disposições que estavam já previstas no Plano Diretor e foram encaminhadas ao Legislativo fora desse PL de revisão.

Não sei se eu estou sendo clara; se não estiver, por favor, façam um sinalzinho que eu tento explicar melhor.

Essa alteração proposta para ser feita no Fundurb - que conseguiu uma liminar de suspensão do processo legislativo, por sinal – traz uma alteração que vai comprometer as nossas áreas verdes, o que a gente quer de áreas verdes aqui, tanto no Campo Limpo como no Capão Redondo como para a Vila Andrade, que é exatamente levar dinheiro para recapeamento, recapeamento que impermeabiliza o solo, que é o que a gente não quer. E traz os problemas de enchentes, como a minha colega ali já colocou.

Então, a questão do Fundurb, também peço aos senhores, como o Vereador colocou aqui, ouvir não é daí para cá, é daí para cá. Vocês têm que nos ouvir e, quando chegar a hora de votar no Legislativo, vocês terem escutado o que a gente está falando, o que a população está falando. E digo, com toda certeza: o dinheiro, os 30% que deveriam ter sido usados durante esses oito, nove anos, para habitação, que entrava no Fundurb, não foram utilizados, porque o dinheiro do Fundurb tem por objetivo construir habitação para quem não tem condições de financiamento, não tem condições de dar uma entrada, gente com um, dois salários mínimos.

O dinheiro, os 30% do Fundurb, o poder público tem que construir habitação. Ele não fez isso, e quando ele não faz isso, depois de dois anos volta e é redistribuído novamente. E aí oito anos sem investimento em educação, praticamente, no Município de São Paulo. E o que a gente tem é isso, invasão do Horto do Ipê, das áreas do Horto do Ipê, do Itapaiuna, do Capadócia, que estava previsto no Plano Diretor e que hoje não é nem possível mais fazer parque, praticamente. Então essa questão do Fundurb é fundamental, vou acompanhar o voto de vocês e espero, sinceramente, que não seja um discurso, chegar numa audiência e dizer “estamos aqui para ouvi-los”. É ouvir e atender, senão não tem valor nenhum.

Outra coisa que eu queria falar, não sei se tem muito tempo, concluindo, é a questão

da nossa subprefeitura e todos os dispositivos que trazem sobre a descentralização dos trabalhos. O Plano Diretor também fala sobre a descentralização da administração. Tem uma lei de 2002, quando criou a subprefeitura, deu uma série de atribuições que estão sendo retiradas ano a ano. Então a gente precisa que essas atribuições voltem para a subprefeitura. E que a subprefeitura, que há cinco ou seis anos, que nem a do Campo Limpo, que tinha 500 funcionários e hoje só tem 100, aí eu falo para a Comissão de Administração Pública que seja chamado concurso para recompor esses equipamentos, essas administrações descentralizadas, senão não é possível fazer absolutamente nada.

O Plano Diretor prevê que as subprefeituras façam curso preparatório para que a gente esteja aqui discutindo esses problemas, ou seja, discutindo a revisão do Plano Diretor, o PIU Jurubatuba que vai atingir o nosso território também. A gente tem que ter formação para isso. Não dá para a gente vir aqui e falar coisas, mesmo que a gente fale com a maior boa vontade, pode estar falando coisa errada, porque a gente não tem a formação. Essa formação está prevista no Plano Diretor, mas que não está sendo implementada.

Por fim, anotei mais uma coisa importante. Sobre o Fundurb já falei e vou acompanhar, conto com o seu voto, com o voto das senhoras, se a liminar cair.

Só mais um – a gente escreve um livro quando vem num lugar como esse – é sobre a habitação também. Eu acho que é só isso. Tenho aqui mais uma coisa, mas não sei onde coloquei, vou deixar para outra oportunidade.

Muito obrigada, gente. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Jussara Basso) – Muito obrigada. Por favor, a Sra. Aparecida Marrani, moradora na região.

A SRA. APARECIDA MARRANI – Bom dia a todos. Se houver algum erro, peço desculpas porque não estou habituada. Mas me acho no direito de expor a minha opinião.

Agradeço a todos os Vereadores, peço que as palavras que vocês falaram não sejam promessas. Acho muito importante o que foi colocado por todos sobre a questão da parte ambiental. Fui criada na roça, no meio do mato, praticamente. Sei como há diferença entre a

cidade grande e o interior. Acho importante conhecer. Mas o mais importante é cuidar não só das plantas e dos animais, mas também de pessoas, porque se hoje temos problemas é porque não houve cuidado com as pessoas.

Lá atrás, quando houve a necessidade, desmataram, cortaram, mataram animais para construir imensos condomínios de luxo, prédios. Tudo, tudo foi feito. Foi dada multa? Pagaram? Pagaram, mas replantaram as plantas que foram retiradas de outro lugar? Não. Os animais foram tirados de forma adequada para outra região? Não. Isso não é feito em nenhum canto. No interior também não foi feito, na cidade grande também não se faz.

Eu como moradora, chego, me estabeleço, não procuro saber a história da minha região. Não procuro saber a história de como o meu prédio foi construído, da minha casa, o que foi retirado para que ela foi implantada, para que aquele lugar existisse.

Hoje, se coloca muita culpa em pessoas. Sim nós somos culpados, porque lá atrás não cuidaram de gente, não foram educados.

Então enquanto continuarmos não sendo educados e não educando isso vai acontecer, aqui e em todo lugar. Então não se tem culpados, se for para culpar seremos todos nós, não será o pobre, nem o rico, não é também quem está invadindo parques.

Porque se a pessoa está se indispondo, eu não sei a realidade de todos, mas sei que da grande maioria neste país ninguém escolhe morar na beira de um rio, em cima de um rio ou pisando na lama porque quer. Todo mundo se pudesse estaria morando em uma casa boa, dando bons estudos para seus filhos, porque nós queremos os melhores para nossos filhos.

Não é simples apontar o dedo e dizer: você está fazendo errado. Não. Todos nós fizemos errado. Todos nós temos parcela de culpa porque continuamos a repetir os erros de gerações e gerações. Isso não vai mudar porque temos de preparar gente para o futuro.

Eu penso assim - aos Vereadores que falaram que ouvem -, é a primeira vez que eu participo de reuniões públicas, mas eu digo a vocês: o problema do Brasil, e eu falo Brasil, porque eu sou brasileira e moro aqui, então eu tenho que falar daqui.

O problema do Brasil é cultural. Nós não somos educados para participar de política.

Não fomos educados para buscar informação. Todos nós sabemos, até na escola, lendo, ou até por curiosidade, o interesse é manter-nos desinformados. Então acho que tem que partir de cada um de nós buscar, mas sem essa de apontar o dedo, porque quando se aponta um para o seu vizinho, três estão para você. Então quem é o culpado? Somos todos nós.

A gente tem que descer do pedestal e parar de achar que somos melhores. Não somos melhores, ninguém é melhor. Você pode estar numa situação melhor, morar em casa melhor, mas ninguém é melhor do que o outro. Um diploma não faz você melhor do que o outro.

Por isso acho que tem que olhar para a população em geral, porque a maioria, a massa mesmo, é o que menos é abastecido, infelizmente, e não deveria ser assim. Então essa é a nossa realidade e eu quero muito mesmo que melhore, porque eu quero um futuro melhor para o meu filho, como para toda outra geração.

Eu acho que o Brasil merece, embora tenha sido tratado com descaso desde o início, mas merece ter a sua história contada para o resto da humanidade.

Eu termino aqui. Obrigada. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Jussara Basso) – A próxima inscrita é Gisele Peres, moradora da região. Peço, por favor, que Thiago Luz, do Amigos da Mata Esmeralda, já vá se preparando.

A SRA. GISELE PERES – Bom dia para todas, todos e todes. Meu nome é Gisele e eu me inscrevi como moradora da região, mas eu tenho o privilégio de trabalhar e lutar ao lado da Vereadora Jussara Basso. Só que, antes de lutar ao lado da Vereadora, eu nasci no Grajaú. Eu moro no Campo Limpo, conheço muito a realidade da zona Sul, com a tranquilidade para poder dialogar, sabendo que a discussão do Plano Diretor, lá no primeiro momento, embarcava a discussão da zona Sul com uma audiência pública planejada, até então, no começo, no CEU Cantos do Amanhecer, do Grajaú, e para contemplar a zona Sul de conjunto.

Gente, do Grajaú para o Campo Limpo já são dois mundos diferentes, imaginem de Parelheiros para a Vila Mariana. Uma audiência pública para a zona Sul, obviamente não poderia corresponder à realidade da região. E existe toda uma mobilização, desde dois anos atrás, que

conformou mais de 500 entidades, de diferentes tipos de associações de moradores, ativistas ambientais, ativistas de vários movimentos, que formaram a Frente São Paulo pela Vida. E essa Frente vem debatendo cotidianamente o Plano Diretor e, questionando o número de audiências e o caráter delas, a Frente São Paulo pela Vida lutou ao lado de algumas Vereadoras e Vereadores da Câmara para que essas audiências públicas fossem ampliadas, porque a princípio eram 23 e depois saltaram para 45, só que dentro do mesmo espaço de tempo.

Então um aumento da quantidade dessas audiências, mas numa maratona insana. Até para a gente, que acompanha todos os dias esse debate, não tem a menor condição de se estar às 11 horas numa audiência da Saúde; no mesmo dia, às 15 horas, numa chamada pela Comissão da Educação; e, no dia seguinte, às 8 horas da manhã numa outra de bairro. E a discussão do Plano Diretor pulverizada nessa quantidade de audiências, realizadas como uma verdadeira maratona, dificultou muito, muito a participação popular.

Então, esse auditório vazio é um reflexo também dessa discussão, que não consegue atingir a população porque está sendo feita de maneira atropelada.

E a Frente São Paulo pela Vida, que reúne essas 500 entidades, conseguiu, de forma muito exitosa, com a participação direta da Vereadora Jussara Basso, organizar uma manifestação muito vitoriosa na quinta-feira passada – dois dias atrás – na frente da Câmara Municipal. Eu não sei se todos os que estão aqui tiveram oportunidade de ver. Saiu matéria no SPTV, a mídia estava lá porque a gente conseguiu colocar aproximadamente mil pessoas ali na frente para dizer que Plano Diretor sem povo não é democracia. Aquelas 500 entidades que compõem a Frente têm diversas opiniões, diversos entendimentos sobre o Plano Diretor; mas a falta de democracia nesse processo une todas essas pessoas, e une a voz que a gente quer que se faça ecoar: democracia no Plano Diretor.

Nesse sentido, muito respeitosamente aos Vereadores que estão na Mesa, eu queria me dirigir à Vereadora Jussara Basso para trazer duas questões que, se ela puder abarcar no fechamento, seria muito importante. Mas se os outros quiserem comentar, também serão muito bem-vindos, a gente também gostaria de ouvir.

A primeira pergunta, Jussara, é: a quem interessa esse atropelo? Quem se beneficia dessa discussão do Plano Diretor não atingir quem mais precisa e quem mais vai ser realmente atingido nesse processo? Quem lucra com isso? Alguém aqui acredita que Habitação de Interesse Social vai ser construída em Higienópolis? Alguém acredita? A quem interessa? Quem lucra?

A segunda questão ficou muito evidente nessa audiência pública. Isso é o bacana de cada audiência pública: tem audiência pública em que a questão do zoneamento é muito levantada, tem audiência pública em que a mobilidade é muito levantada. Esta audiência pública está marcada pela questão dos parques, do meio ambiente. Essa segunda pergunta, Jussara, se você conseguir contemplar, é: muitas vezes o movimento cria, entre si, falsas assimetrias e falsas contraposições também. A luta por meio ambiente não se contrapõe à luta por moradia popular. Quem luta por moradia não é inimigo de quem luta por meio ambiente, e vice-versa. (Palmas) Muitas vezes, são pautas que são colocadas como conflitantes. Então, eu queria que a Jussara comentasse sobre isso.

Eu tenho ainda uma coisa para falar: moro no Campo Limpo, aqui pertinho, e foi muito difícil chegar aqui hoje dependendo de transporte público. Isso é um registro muito importante fazer, porque não está fácil viver nessa região. Obrigada. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Jussara Basso) – Obrigada, Gisele. Por favor, Thiago Luz, e já chamo a Sra. Maria Filomena, do SOS Panamby, para falar em seguida.

O SR. THIAGO LUZ – Muito obrigado. Bom dia a todos e todas, Vereadores, Sr. Subsecretário e Vereadora Jussara Basso. Meu nome é Thiago Luz, sou coordenador da equipe de comunicação do Amigos da Mata Esmeralda. Até já como comunicação a gente pede que quem puder dê uma olhadinha no Instagram, que é a rede social onde a gente posta nossas fotos e ações. O perfil é Amigos da Mata Esmeralda.

Aproveito a oportunidade para colocar essa questão e utilizo a frase que a companheira acabou de falar, muito importante - que Plano Diretor sem povo não é democracia –, nesse mesmo sentido, sobre essa pseudodisputa que às vezes dentro da discussão do Plano

Diretor estão querendo implicar na gente, sendo que não existe. Também teve a fala de uma companheira sobre a falta das pessoas do Executivo, que estão fazendo essa alteração do Plano Diretor nas discussões das audiências públicas, justamente, para esclarecer os pontos e, justamente, para esclarecer uma pergunta que não consigo entender: por que onde existe área verde que, nós, da sociedade civil tentamos preservar, não entra no Plano Diretor, e onde, por algum motivo, hoje, estão virando ocupações, e, muitas vezes, sem áreas verdes, a Secretaria do Verde quer desocupar essas pessoas de lá?

Porque, vejam, se a gente colocar na ponta do lápis essa questão de áreas verdes, e que a gente reivindica e que têm nascentes, fauna e flora, com muito residual de Mata Atlântica, que são importantes para que preservemos, por que justamente a Secretaria do Verde e Meio Ambiente está com olho em outras questões?

Aí entra a outra fala da companheira: quem é interessado em que a Secretaria feche os olhos para algumas áreas e queira, simplesmente, atuar em áreas que não faz sentido a força com que é atuado ali.

A questão, aqui, é: o Poder Executivo da cidade de São Paulo nos propõe, e nós fazemos a audiência pública e manda para a Câmara Municipal a discussão do Plano Diretor. Só que uma discussão onde, ao se tratar da parte do Executivo, tivemos três audiências públicas, sendo uma só presencial. Quando também os técnicos apresentaram, simplesmente, um Power Point, pré-prontas, abrindo inscrições para se falar, mas não entendemos o objetivo dessas falas.

Quando vocês apresentam, para nós, mais de setecentas e poucas inscrições – eles, né, o próprio Executivo – na área de parques da cidade de São Paulo, mesmo assim não entrou nenhuma no item 7. Então para além de entrar no Campo, a gente precisa, depois, da execução. Por isso, precisamos sim nos unir, chegar à discussão na Câmara Municipal e, sendo assim, agradeço por essa oportunidade de poder estar falando tanto do Marx Esmeralda, quanto dos outros parques, mas principalmente da questão ambiental e da questão da moradia na cidade de São Paulo, e ainda sobre transporte, então, que nem se fala, pois é igualmente importante, porque se continuarmos ouvindo só a especulação imobiliária, ninguém mais anda na cidade de

São Paulo.

Aliás, reforço a fala da minha companheira, foi difícil chegar aqui hoje, mesmo morando próximo. Foi difícil porque não conseguimos mais nos deslocar em áreas consideradas para o interesse imobiliário estão sendo desapropriadas. E as áreas literalmente que precisamos preservar, ninguém está dando atenção. É isso. Muito obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Jussara Basso) – Nossa última inscrita é a Sra. Maria Filomena, do SOS Panamby e, depois, passamos à Mesa para as considerações finais.

A SRA. MARIA FILOMENA – Obrigada a todos. É uma fala de última hora, só para contrapor uma questão. Quero, antes, agradecer e cumprimentar todos os Vereadores e a todos os presentes. É rapidinho.

Fiquei impactada com a fala da jornalista Raira, queria dizer que concordo muito com o que você falou sobre o que é mais importante: a natureza ou as pessoas que estão ali, e que invadiram. Essa é mesmo a grande questão da humanidade. É a necessidade da natureza e a necessidade das pessoas. Eu apoio o que você disse, bem como o que disseram todos os representantes de todos os parques.

E, tanto o SOS Panamby, como todos os parques, necessitam da mesma atenção da Prefeitura, da mesma preocupação em preservar, porque, afinal, são pouquíssimos no Campo Limpo.

Mas, no caso do Panamby, e esse é meu ponto, o Parque Burle Marx, é uma ação preventiva, porque ainda não há invasão, não há nenhuma construção ali, é uma área que está totalmente verde, muitas árvores e muitos animais. Mesmo o lago é muito limpo. Minha filha fez um projeto na escola e esse lago, bem como o lago do Ibirapuera, e perceberam que a água do lago do Burle Marx tinha qualidade muito superior. Ainda existem ali macaquinhos e tucanos. Panamby quer dizer, em tupi-guarani, lugar das borboletas.

Portanto, queremos dizer que esse terreno ainda é totalmente verde, estão esperando até para se cortarem as árvores, mas a desapropriação de área popular não existe ali, por isso é uma ação ainda preventiva. Eu só queria esclarecer esse ponto, porque é uma

diferença. Quero agradecer vocês e esperar que essas borboletas que ainda existem ali possam ser vistas também pelas populações mais carentes, com a ampliação do parque, chegando à beiradinha das áreas ZEIS, onde as pessoas da comunidade da João Dias poderão vir e aproveitar a última área verde, de Mata Atlântica, do rio Pinheiros.

Obrigada. Só queria esclarecer isso e dizer que ainda não há invasão lá. Ainda! Obrigada. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Jussara Basso) – Antes de encerrar essa audiência da Comissão de Administração Pública de hoje, passo, por favor, ao Sr. Alan, para que faça as considerações finais.

O SR. ALAN EDUARDO DO AMARAL SEBASTIÃO – Bom, eu quero agradecer aí a participação de todos, da nobre Vereadora Ely Teruel, do nosso Vereador aqui da região, Isac Felix e da Jussara. Reitero a vocês que a subprefeitura está e sempre estará de portas abertas para receber a todos. Aproveito a oportunidade aqui para agradecer o Vereador Isac Felix, que tem disponibilizado quase todos os seus recursos para a Subprefeitura do Campo Limpo, para que a gente possa estar implementando aí melhorias e obras, para que isso acarrete na qualidade de vida de todos vocês.

Já pedi aí para a Vereadora Ely Teruel e para a Vereadora Jussara, que nós estamos abertos para receber recursos, para que nós possamos estar executando e, a cada dia mais, melhorando a nossa região.

Parabéns a todos aí pela participação. Contem com o Poder Público, a Subprefeitura do Campo Limpo, no que vocês precisarem. Um grande abraço a todos e Deus abençoe.

Lembro que a subprefeitura está em novo endereço: Avenida Giovanni Gronchi, 7.143, nos 5º e 6º andares, no antigo prédio da TIM.

Muito obrigado a todos e Deus abençoe. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Jussara Basso) – Tem a palavra a nobre Vereadora Ely Teruel para as suas considerações finais.

A SRA. ELY TERUEL – Olha, gente, eu estou muito feliz de estar aqui hoje, como

falei no início. Ouvir a população é prioridade, ouvir e, como muitos colocaram, atuar. Então, esse é meu compromisso. Eu, no momento em que estava aqui, nessa audiência, já fui colocando minhas anotações e colocando os meus movimentos em prática. Eu tenho certeza de que o Plano Diretor será feito de uma forma muito humana, em todos os sentidos. Não só na habitação, não só na questão do verde, não só na questão das enchentes e das obras na nossa cidade. A gente está comprometida. Desde o momento em que eu decidi sair como Vereadora, eu me comprometi com a população, de levar o meu melhor.

Então, quero muito que vocês acreditem no nosso trabalho, não só o meu como o de todos os Vereadores desta Casa, da Câmara Municipal, que tem, com certeza, atuado com todo carinho. Agora obviamente cada um faz um pouquinho. O munícipe vem e cobra. Você não foi lá e não votou? Então, você tem que cobrar em quem você vota. É assim que funciona.

Antes de ser Vereadora, eu também tinha o meu Vereador a quem eu ia lá e cobrava, e eu aprendi a cobrar, a ser chata mesmo. Temos que ser chatos mesmo, buscar a qualidade de vida não só da gente, como do nosso filho e dos nossos netos, que estão aí, porque realmente, se a gente for pensar numa cidade que só crescer verticalmente, a qualidade de vida...

Eu, por exemplo, a gente acaba indo, nos momentos de folga, buscar o quê? A terra, como a nossa munícipe aqui falou. Cadê ela, que morava na roça? É delicioso você comer ali tudo gostosinho. É, aqui, na cidade de São Paulo, eu faço uma hortinha dentro da minha casa num vaso. Então, assim, a gente busca sim. A gente se coloca no lugar da população e a gente também, como munícipe e como hoje Vereadora, se preocupa com a nossa cidade.

Eu tenho certeza que esse Plano Diretor vem para fazer mudanças e eu acredito muito. Acredito muito e vou me empenhar demais.

Está bom? Muito obrigada. Estou no quinto andar da Câmara Municipal à disposição, gente. Que Deus abençoe a todos. Um feriado muito abençoado aí para todos vocês.

A SRA. PRESIDENTE (Jussara Basso) – Tem a palavra o nobre Vereador Isac Felix, para suas considerações finais.

O SR. ISAC FELIX – Quero agradecer a nossa Presidente Jussara, companheira de

luta, de militância na área da transformação na cidade de São Paulo, principalmente das pessoas mais vulneráveis. Agradeço a Ely Teruel, nossa amiga, nosso Subprefeito Alan e todos vocês.

Como eu coloquei aqui, as sugestões estão chegando e nós estamos agora debruçados no projeto para que não venha tudo do Executivo, mas que nós, ao ouvir vocês, ao ouvir a sugestão de cada um em cada audiência pública, discutamos com vários Colegas na Câmara Municipal de São Paulo e, assim, fazer o melhor para a nossa cidade. Acho que isto é importante: pontuarmos aquilo que é melhor para cidade de São Paulo.

Já questionei o Quadro 7, algumas sugestões. Estava aqui, às vezes as pessoas falavam que o Vereador está no celular, mas é que eu sou muito elétrico. Eu falo com Prefeito, falo com o Secretário. Já estava fazendo várias perguntas para o Rubinho Nunes de tudo que estava ouvindo: “Rubinho, isso aqui.” “Rubinho, precisamos discutir isto daqui.” Às vezes as pessoas falam assim: “Mas ele é elétrico assim?” Sim. Às vezes tem algumas reuniões que eu participo e falam para falar com o Prefeito. Eu já pego o telefone e ligo direto para o Prefeito, já ligo para o Secretário. Esse é o meu estilo de trabalhar, é meu estilo de ser.

Quero dizer para vocês que eu tenho um escritório na região. Apesar de estar no meu segundo mandato, meu escritório funciona há mais de 25 anos porque eu milito aqui politicamente nessa região. Nascido e criado aqui e fazendo política nesta região.

Cheguei na Subprefeitura menino, quando a Subprefeitura era na praça e aqui era um barraco, Jussara, de madeira. Eu estava ali. Passei pela criação da Subprefeituras. Uma companheira, uma amiga nossa falou da questão da Subprefeitura. Sou um defensor de que Subprefeitura realmente seja uma prefeitura. Tenho brigado sobre isso constantemente com vários prefeitos. Acho que precisamos descentralizar mesmo. A Subprefeitura tem que ser uma Prefeitura por que passamos por isso já e para facilitar até o acesso da população ao prefeito regional. Mas ele também precisa ter o quê? Não só a caneta. Precisa ter tinta na caneta e peso senão não adianta. Sempre falo isso com as pessoas.

Quando eu era convidado para fazer parte do Executivo, perguntava: Qual a Secretaria? Qual é a função? Vai ter tinta na caneta? Porque eu não vou ficar lá ouvindo as

peessoas. Quando era subprefeito, o pessoal falava assim: “Olha, o subprefeito foi lá e visitou. O outro também foi lá e visitou.” Eu falei: “Você quer que eu vá lá para visitar?” Se já foram três lá para visitar, olharam o problema e não resolveram, eu só vou lá quando tiver condições de resolver e vou para resolver. Esse é meu estilo.

Acho que nós também estamos acostumados com isso. Vamos sentar e trazer mudanças. Neste momento, na cidade de São Paulo, todos esperávamos o Plano Diretor e, depois, a Lei de Zoneamento, as mudanças que vão transformar a cidade e vão preparar a cidade para daqui 30 anos, 20 anos, precisamos discutir agora. Mas precisa ser, realmente, não só discutido, mas colocado em prática e as mudanças precisam acontecer.

Estou à disposição de vocês na Câmara Municipal de São Paulo. Meu gabinete fica no 11º andar, sala 1120. Quem é desta região, principalmente da zona Sul, faço atendimento toda segunda-feira estou no escritório das 9h às 14h e terça, quarta e quinta na Câmara. Na Câmara atendo as pessoas da cidade no geral de outras regiões que nos procuram.

Quero dizer para vocês: “conte comigo”. Naquilo que estiver ao meu alcance, eu quero somar com vocês. O meu slogan é verdadeiro: é cuidar de pessoas. Eu cuido de pessoas. Eu não quero cuidar de prédios. Eu quero cuidar de pessoas. Eu não quero cuidar de cimento e de concreto. Eu cuido de pessoas.

Muito obrigado. (Palmas).

A SRA. PRESIDENTE (Jussara Basso) – Obrigada, Vereador.

Antes do encerramento, a Sra. Wellyene Gomes Bravo pediu para fazer um pequeno informe. Por favor.

A SRA. WELLYENE GOMES BRAVO – Oi, gente. Não quero terminar a audiência sem lembrar a vocês que a gente está no processo do orçamento cidadão, que é uma possibilidade, é um momento de participação da sociedade civil também para incluir proposta numa plataforma da Prefeitura chamada Participe+. É nesse lugar que a gente, como munícipe, tem que dar visibilidade às necessidades do nosso território, desde recapeamento, criação de parques, a necessidade de habitação.

A gente fez uma audiência anteontem, onde foram feitos grupos temáticos e a questão da habitação foi muito falada. O grupo do temático pediu a implantação do PAI 5 e do PAI 7 no território, que são importantes.

E mais, neste biênio do CPM, o Prefeito Ricardo Nunes comprometeu-se na audiência de posse a encaminhar recursos para a Subprefeitura para que o próprio CPM possa decidir para onde direcionará esses recursos.

No Campo Limpo, vamos fazer uma intervenção superimportante criando, inclusive, um núcleo de apoio à população que tenha o TEA – Transtorno do Espectro Autista, que é invisível, muitas vezes. A intenção é implantar esse núcleo nesse equipamento, em parceria com a Subprefeitura. E quero agradecer ao Sr. Alan, com quem conversamos bastante sobre isso.

A participação do cidadão é importante porque, mesmo que as secretarias criem algum problema que não dê para ser implementado, às vezes, conseguimos atender as necessidades de outra forma, seja por uma emenda parlamentar de um Vereador, de um deputado, ou de um recurso que chega à Subprefeitura. Portanto, participem, por favor.

Obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (Jussara Basso) – Antes, eu quero responder as perguntas da Sra. Gisele. Algumas questões que a gente precisa levar muito em consideração quando se trata de moradia social e moradia popular é que o déficit habitacional é crescente. Todos os dias, nascem centenas, milhares de crianças; no entanto, uma coisa que a gente não produz é terra.

E quando se tem um Plano Diretor que discute o parcelamento estratégico da cidade, quando já sabemos que o nosso programa habitacional não vai conseguir atender ao déficit habitacional e que parte do recurso destinado a essas moradias vai entrar para a destinação de empreendimentos, cujas construtoras vão tocar esses empreendimentos, obviamente que sabemos quem acaba lucrando com o apagão da informação: as construtoras, empreendedoras particulares, aquelas que continuam especulando a terra. Inclusive, pessoas que especulam a terra que estimulam ocupações irregulares em áreas verdes para garantir o desmatamento e depois ocupar o local com empreendimento de grande porte, para moradia de alto padrão; e o

desmatamento continua acontecendo.

Nesse momento, nós estamos numa luta em uma área indígena que está sendo ocupada, não porque aquelas pessoas sejam criminosas, mas porque não têm opções. Mas quando o Executivo, o Legislativo, o Município, trabalha para produzir habitação social e popular, conseguimos resolver um problema muito sério da nossa cidade, conseguimos uma urbanização controlada e, com isso, garantimos moradia, parques, mobilidade urbana, dignidade e qualidade de vida; e, como nossa amiga falou, nós pensamos em seres humanos.

Contem comigo, porque eu conto com todos vocês. Contem com o Legislativo da Câmara Municipal de São Paulo, com a Subprefeitura do Campo Limpo, com a Prefeitura do Município, porque quem está sentado na cadeira do Legislativo, do Executivo, está lá para trabalhar por vocês. Estamos juntos.

Quero agradecer ao Sr. Roni Gonçalves, o técnico do som; a Sra. Simone; ao Sr. Paulo Henrique Alves de Paula, chefe do Núcleo de Ação Cultural do CEU Campo Limpo; ao nosso Subprefeito Alan; a nobre Vereadora Ely Teruel; ao nobre Vereador Isac Felix; e a todas e todos os presentes, aqueles que nos acompanham pela TV Câmara.

Estão encerrados os trabalhos.